EMOÇÃO, SENTIMENTO E AFETO: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS ENTRE ESTUDOS DE VIGOTSKI E DE DAMÁSIO

EMOTION, FEELING AND AFFECT: APPROACHES AND DIVERGENCES BETWEEN THE STUDIES OF VYGOTSKY AND DAMASIO

EMOCIÓN, SENTIMIENTO Y AFECTO: APROXIMACIONES Y DIVERGENCIAS ENTRE LOS ESTUDIOS DE VIGOTSKI Y DAMÁSIO

*Heitor Campos Nitsche**

*João Henrique Rossler***

RESUMO

Este artigo objetivou analisar comparativamente os conceitos de emoção, sentimento e afeto desenvolvidos por Lev Vigotski e António Damásio. Para tanto, apresenta as teorizações dos autores sobre esses conceitos e, na sequência, analisa suas principais aproximações e distanciamentos. Os resultados encontrados apontam para similaridades quanto: 1) à posição ontologicamente positiva dos afetos na vida humana; 2) à defesa de uma explicação científica desses afetos; e 3) à crítica, com referência em Espinosa, ao dualismo cartesiano predominante por séculos no estudo dos afetos. Por outro lado, apontam para suas divergências quanto: 1) à distinta caracterização do afeto; e 2) à distinção do que se constitui como exclusivamente humano e do que seja compartilhado com os animais. Concluímos que, apesar das aproximações sobre o tema, os autores estão separados fundamentalmente por uma perspectiva muito distinta de ser humano.

Palavras-chave: Emoção; Sentimento; Afeto; Psicologia Histórico-Cultural; Neurociências.

ABSTRACT

This article comparatively analyzes the concepts of emotion, feeling and affect developed by Lev Vygotsky and Antonio Damasio. To this

*Psicólogo. Mestrando em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação de Psicologia da Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: heitornitsche@gmail.com

**Professor Titular do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Paraná (UFPR), membro do Laboratório de Psicologia Histórico-Cultural (LAPSIHC / UFPR) e pesquisador do Grupo de Pesquisa "Estudos Marxistas em Educação" (Unesp / Araraquara). E-mail: jhrossler@ufpr.br

end, it presents the elaborations of the authors on these concepts and then analyzes their main similarities and divergences. The results point to the similarities regarding: 1) the ontologically positive position of affects in human life; 2) the defense for a scientific explanation of these affects; and 3) the critique, with reference on Spinoza, of the cartesian dualism that predominated for centuries in the study of affects. On the other hand, the results indicate their divergences regarding: 1) the distinct characterization of affect; and 2) the distinction between what is exclusively human and what is shared with animals. We conclude that, despite similarities about the theme, the authors are fundamentally separated by a very different perspective of the human being.

Keywords: Emotion; Feeling; Affect; Cultural-Historical Psychology; Neurosciences.

RESUMEN

Este artículo tuvo como objetivo analizar comparativamente los conceptos de emoción, sentimiento y afecto desarrollados por Lev Vigotski y António Damásio. Para ello, presenta las elaboraciones de los autores sobre estos conceptos y analiza sus principales aproximaciones y divergencias. Los resultados encontrados señalan similitudes en cuanto a: 1) la posición ontológicamente positiva de los afectos en la vida humana; 2) la defensa de una explicación científica de estos afectos; y 3) la crítica, con referencia a Spinoza, del dualismo cartesiano predominante durante siglos en el estudio de los afectos. Por otro lado, los resultados apuntan a divergencias en cuanto a: 1) la distinta caracterización del afecto; y 2) la distinción de lo que se constituye como exclusivamente humano y lo que se comparte con los animales. Concluimos que, a pesar de las semejanzas en el tema, los autores están fundamentalmente separados por una perspectiva muy distinta del ser humano.

Palabras clave: Emoción; Sentimiento; Afecto; Psicología Histórico-Cultural; Neurociencias.

INTRODUÇÃO

O presente artigo consiste em uma análise comparativa entre os estudos do psicólogo soviético Lev S. Vigotski[1] (1896-1934) e do neurologista português António Damásio (1944 -) acerca da problemática das emoções, dos sentimentos e dos afetos humanos. Nossa proposta é pontuar os aspectos mais relevantes sobre os conceitos de afeto, emoção e sentimento extraídos da obra "Teaching about Emotions"[2] (1933/1999), de Vigotski, e das obras em que Damásio se dedica ao mesmo tema, especialmente "O Erro de Descartes" (1994/2012) e "Em Busca de Espinosa" (2004/2009).

Importante destacar que, embora Vigotski utilize mais frequentemente o substantivo "emoção", não encontramos em sua obra elementos que nos permitam diferenciar conceitualmente os três vocábulos que adota. Optamos, então, por utilizar, predominantemente, a palavra "emoção" ao nos referirmos aos estudos de Vigotski, uma vez que o termo está presente no título de sua maior obra dedicada ao tema – "Teaching about Emotions" –, como observa Toassa (2009). Por sua, vez, enquanto Vigotski trata conceitualmente os termos "afeto", "emoção" e "sentimento" de forma indistinta, Damásio adota o termo "afeto" como conceito principal que abarca os subconceitos "emoções" e "sentimentos". De qualquer modo, a despeito das diferenças, trata-se de dois autores cujos estudos se voltaram para a mesma problemática: as emoções, os sentimentos e os afetos humanos.

Nosso intuito, portanto, é analisar comparativamente a concepção desses autores acerca da problemática em questão, com base na hipótese subjacente de que, ao sustentarem uma forte crítica a Descartes e adotarem Espinosa como referência, os estudos de Vigotski e Damásio possuiriam alguns pontos de aproximação e chegariam a conclusões relativamente convergentes, a despeito dos distanciamentos existentes.

1 A despeito das diferentes grafias para o nome do autor, como Vygotsky, Vygotski, Vigotsky, Vigotskii, entre outras, optamos por utilizar a grafia Vigotski, predominante nas traduções mais recentes desse autor no Brasil.

2 Cientes de que as traduções de Vigotski para o espanhol são mais comumente utilizadas por autores brasileiros que estudam sua obra, por serem consideradas mais precisas e fiéis ao russo em comparação com as traduções para o inglês, ainda assim optamos por utilizar a tradução americana "Teaching about Emoticons", "Historical-psychological Studies" (Vigotski, 1999), em vez da versão espanhola "Teoria de las Emociones: Estudio Historico-psicologico" (Vygotsky, 2004), ambas ainda sem tradução no Brasil. Nossa opção se baseou no argumento apresentado por Toassa (2009), qual seja: a versão americana seria mais completa em razão das diversas notas de rodapé que possui. No entanto, cientes também das polêmicas teóricas existentes, como a tradução considerada problemática do conceito de vivência/perejivanie como emotional experience – o que poderia induzir à equivocada identificação entre emoção e vivência –, adotamos o procedimento de cotejar a versão do inglês, em diversos momentos, com a versão do espanhol.

Separados por quase um século e a partir de enfoques teórico-metodológicos distintos, tanto para o psicólogo soviético quanto para o neurocientista português, o filósofo francês René Descartes (1596-1650) e o legado cartesiano no entendimento das paixões haveriam de ser superados, ao mesmo tempo em que Baruch Espinosa (1632-1677) deveria ser resgatado como referência filosófica para o desenvolvimento de uma perspectiva científica sobre os afetos (Vigotski 1999; Damásio 2009).

Para dar conta dos objetivos propostos, nossa análise se organiza da seguinte forma: num primeiro momento, sinteticamente, apresentamos o conceito de emoção/sentimento/afeto de Vigotski, extraído da análise crítica que ele realiza sobre a teoria de James-Lange, a teoria talâmica e a psicologia descritiva de Dilthey sobre as emoções; na sequência, mostramos as elaborações teóricas de Damásio sobre o conceito de afeto e seus subconceitos, emoção e sentimento; por fim, analisamos comparativamente os estudos dos dois autores discutindo suas possíveis aproximações e distanciamentos.

Comparações similares e pontuais já foram ensejadas por outros pesquisadores, como Toassa (2009), Magiolino (2010), Luz et al. (2015) e Martins e Carvalho (2016). Entretanto, esses estudos não são voltados, especificamente, ao objeto em questão. Eles realizam algumas comparações, porém de forma pontual, e não sistemática.

EMOÇÕES, SENTIMENTOS E AFETOS EM VIGOTSKI

São diversas as contribuições científicas de Vigotski para a psicologia. Entre elas, destaca-se seu papel central na constituição de uma psicologia de base marxista, fundando, juntamente com outros pesquisadores russos da época, o que se convencionou chamar por Psicologia Histórico-Cultural. Desse autor são reconhecidas, principalmente, suas produções acerca do pensamento, da linguagem e do desenvolvimento das funções psicológicas superiores, sendo seus estudos sobre as emoções aqueles menos explorados, ensinados ou estudados (Machado et al., 2011).

Vigotski dedicou parte importante dos últimos anos de sua vida ao estudo das emoções humanas e o concentrou em seu manuscrito inacabado "Uchenie ob Emotsijakh. Istoriko-psikhologicheskoe Issledovanie", publicado na tradução americana feita para o inglês como "Teaching about Emotions" e, na versão em espanhol, como "Teoria de las Emociones". O que justifica sua adoção como objeto de nossa análise é, primeiramente, constituir-se seu trabalho de maior fôlego sobre a problemática em tela;

e, em segundo lugar, por ser uma de suas últimas produções que contém, provavelmente, suas posições finais e mais elaboradas sobre o tema.

Costa e Pascual (2012) afirmam que esse manuscrito é um trabalho confuso, que não logra responder plenamente ao problema central a que se lançou Vigotski, qual seja encontrar o verdadeiro nexo entre aspectos fisiológicos e psicológicos das emoções. De fato, segundo Freitas (2012), há um consenso entre os historiadores de sua obra sobre a dificuldade existente no entendimento desse trabalho. Parece-nos também consensual a ideia de que Vigotski não teria finalizado sua teoria das emoções (Toassa, 2009; Magiolino, 2010; Martins & Carvalho, 2016), sendo seu próprio conceito de emoção inacabado. Contudo, nada disso nos impede de extrair dessa obra elementos importantes para a compreensão de seu entendimento acerca das emoções, dos sentimentos e dos afetos humanos.

Segundo Vigotski (1999), o capítulo das emoções na história da psicologia estava relegado a segundo plano, obtendo menor atenção que outros tópicos, como os processos psicológicos da memória e da linguagem. Para ele, era necessário resolver a crise teórica do estudo das emoções para alçá-lo à posição que merecia na psicologia, ou seja, elevá-lo à primeira ordem de importância. Assim, Vigotski (Ibid.) dedica-se ao estudo do que fora desenvolvido teoricamente acerca do tema até aquele momento; procura responder ao problema do nexo entre os aspectos corporais e psicológicos das emoções; e, por fim, por meio da análise e crítica das ideias preexistentes, tenta assentar um novo paradigma filosófico e científico para a compreensão do tema.

Como aponta Freitas (2012), "Teaching about Emotions" é, fundamentalmente, um texto de crítica histórica e epistemológica. Nele, Vigotski realiza uma análise filosófica e experimental da teoria de James-Lange, até então dominante no campo da psicologia das emoções, bem como da teoria talâmica e das psicologias chamadas descritivas. Seu propósito é desmascarar o que considerava ser mais problemático: o cartesianismo presente, até então, na vasta maioria das teorizações sobre as emoções. Por um lado, ele está presente no mecanicismo e organicismo típico das psicologias explicativas, como é o caso da teoria de James-Lange; por outro, apresenta-se na face oposta da moeda cartesiana, expresso no espiritualismo/idealismo característico das psicologias descritivas e introspeccionistas, como é o caso de Dilthey e Münsterberg.

Se, para Vigotski o legado cartesiano presente nas teorizações sobre as emoções precisava ser superado, o antídoto para tal poderia ser

encontrado na filosofia de Espinosa, mais precisamente em suas reflexões sobre as paixões. A influência das ideias de Espinosa na crítica de Vigotski ao cartesianismo é tal que se tornou hipótese para explicar o inacabamento dessa obra e de sua teoria sobre as emoções e, com isso, motivo de dissenso entre estudiosos de sua obra.

Van der Veer e Valsiner (2014) afirmam, especulativamente, que a referência espinosana tomada por Vigotski pode ter sido considerada um equívoco percebido apenas tardiamente. Assim, segundo eles (Ibid.), além do agravamento do estado de saúde e do falecimento precoce de Vigotski, seu arrependimento do uso de Espinosa para endereçar o problema das emoções poderia também ter sido a razão para que não concluísse sua obra. Por outro lado, autores como Sawaia (2000), Toassa (2009) e Freitas (2012) entendem o espinosismo em Vigotski como a base filosófica e o ponto de partida para a solução que buscava da crise teórica no estudo das emoções. Portanto, não poderia ter sido essa influência a causa de a obra desse autor ficar inacabada.

A nosso ver, ainda que alguns estudiosos entendam que há certa hipostasia da importância de Espinosa para Vigotski, esse psicólogo bielorrusso tomou sim Espinosa como baluarte filosófico para combater o que denunciava como séculos de autores inebriados pelo cartesiano no estudo das emoções. Vigotski (1999) afirma, contundentemente, que o "Tratado das Paixões", de Descartes, era a mais importante obra existente para entender todos os problemas da psicologia até então. Nela está a fonte da divisão dessa ciência em teorias divergentes, cujas bases, no entanto, teriam uma raiz cartesiana em comum. Segundo ele, o núcleo da influência das ideias de Descartes nos autores da psicologia – fossem eles conscientes ou não dessa influência – estaria, por um lado, no mecanicismo e no idealismo e, por outro, no caráter anti-histórico dessas ideias.

Segundo o psicólogo soviético, o mecanicismo no estudo das emoções se resume à interpretação de que elas se localizariam puramente no organismo, separadas da cognição/razão e de outros processos psicológicos. Logo, poderiam ser explicadas por leis mecânicas do organismo, do mesmo modo como se explicam as emoções animais. O idealismo se baseia na concepção de que a cognição humana e as "emoções superiores", distintas de quaisquer similaridades com o organismo físico e situando-se fora dele, poderiam ser explicadas apenas por outras leis, fora da matéria. Disso, resulta o paralelismo psicofísico e o dualismo epistemológico: emoções inferiores seriam explicadas por leis mecânicas, análogas ao funcionamento animal, e as emoções superiores seriam explicadas por leis

de natureza teológica/espiritual, portanto não materialistas. Assim sendo, resultam dois domínios causais distintos: um para as emoções inferiores e outro para as emoções superiores, perdendo-se, com isso, a possibilidade do entendimento das continuidades e saltos, elos e rupturas entre as emoções inferiores/elementares e seu desenvolvimento em emoções superiores/culturalizadas. Esse conceito dá origem a sistemas explicativos distintos e, por vezes, antagônicos

Por sua vez, o aspecto anti-histórico do pensamento cartesiano no estudo das emoções está presente na negação da possibilidade de mudanças em seu estado de ser, ou seja, na negação de que o desenvolvimento das emoções humanas possa se dar por saltos e rupturas. Desses aspectos decorre a urgência posta por Vigotski ao enfrentamento do cartesianismo presente nesses estudos, buscando em Espinosa elementos para combatê-lo.

Vigotski (1999) considerava alguns aspectos da filosofia de Espinosa pouco relevantes para o estudo das emoções, como é o caso de seu sistema de classificação das paixões. Afirma que a parte classificatória do sistema espinosano era a mais secundária para esse estudo, como já reconhecia, segundo ele, o próprio filósofo holandês. O essencial de Espinosa como antídoto ao cartesianismo está expresso, de acordo com Vigotski, em sua afirmação categórica de que o filósofo holandês teria sido o primeiro a formar uma base filosófica monista para uma ciência explicativa do homem e seus afetos e o primeiro a lutar contra o dualismo cartesiano (Vigotski, 1999). Espinosa continha, segundo o autor, o que havia de melhor nas psicologias explicativas, ao propor uma razão científica para as emoções humanas. Ao mesmo tempo, também continha o que havia de melhor nas psicologias descritivas, ou seja, o mérito de postular a emoção humana como diferente da emoção animal – e isso com séculos de antecedência em relação às teorias das emoções do fim do século XIX e início do século XX –, como é o caso da teoria de James-Lange, da teoria talâmica e da psicologia descritiva Dilthey.

Embora William James (1842-1910) e Carl Lange (1834-1900) tenham produzido, independentemente, suas próprias teorias sobre as emoções, as profundas similaridades entre suas ideias contribuíram para que fossem convencionalmente unificadas pelos seus estudiosos sob o termo teoria de James-Lange[3]. A essa teoria, na época, era atribuído o rótulo de teoria

3 Essa teoria recebeu diversas alcunhas tanto de Vigotski quanto de outros autores, sendo as mais conhecidas: teoria periférica das emoções, teoria visceral, teoria fisiológica, teoria centrípeta, entre outros termos.

continuadora de Espinosa, o que Vigotski intentou refutar demonstrando que ela preservava, em seu núcleo, justamente seu oposto: o cartesianismo. Enquanto, na visão de James, a fonte das emoções estava nas alterações viscerais do organismo, na perspectiva de Lange, sua fonte residia nas alterações vasomotoras. Assim, a emoção era compreendida como mero resultado da percepção dessas alterações corporais na consciência.

Segundo Vigotski (1999), James e Lange não acrescentaram nada substancial para a descrição tradicional dos processos emocionais; apenas mudaram a ordem desses pontos introduzindo uma concepção segundo a qual o que era uma consequência da emoção passa a ser sua própria fonte e causa. James e Lange não apontaram que estados emocionais são acompanhados por alterações fisiológicas, o que já era observado em teorias prévias sobre as emoções, mas indicaram que, sem alterações fisiológicas, inclusive, as emoções deixariam de existir. Para Vigotski (Ibid.), essa concepção se resumiria ao entendimento da emoção como epifenômeno de alterações do organismo.

Diversas foram as hipóteses derivadas dessa compreensão, por exemplo: ao se provocar artificialmente alterações fisiológicas tipicamente observadas em processos emocionais, emoções deveriam ser consequentemente provocadas; e, ao se eliminar a possibilidade da ocorrência de alterações corporais, emoções não ocorreriam. Vigotski (Ibid.) se propõe, então, a analisar essas e outras hipóteses através do estudo dos experimentos realizados por Cannon (1871-1945), fisiologista norte-americano; Bard (1898-1977), fisiólogo norte-americano; Sherrington (1857-1952), neurofisiologista britânico; Marañón (1877-1960), cientista espanhol, entre outros.

Analisando os experimentos de Cannon, Vigotski (Ibid.) afirma que seus trabalhos demonstram que emoções completamente diferentes, como o medo e a raiva, possuem manifestações viscerais extremamente similares. Portanto, questiona que, se a fonte das emoções fosse de fato alterações no corpo, como seria possível que as mesmas alterações produzissem emoções distintas?

Para Vigotski (Ibid.), os experimentos de Sherrington com animais também apontam para outra inconsistência dessas hipóteses. Segundo ele, Sherrington observou que, seccionando o nervo vago e a medula espinhal e interrompendo sua conexão com o cérebro, manifestações emocionais continuavam a ocorrer. Experimentos com animais similares aos de Sherrington também foram realizados por Cannon e colegas, e,

neles, reações vasomotoras, secreção de adrenalina, liberação de açúcar no fígado etc. foram cirurgicamente impedidas de ocorrer. Ainda assim foram observadas manifestações emocionais nesses animais idênticas às manifestações pré-cirúrgicas.

Em um experimento realizado por Marañón, dessa vez com humanos, Vigotski (1999) observa que a emoção não se manifestava mesmo fazendo o caminho inverso ao dos experimentos anteriores, ou seja, mesmo quando se buscou provocar artificialmente todas as alterações fisiológicas comumente suscitadas na ocorrência de uma emoção. Os experimentos de Marañón demonstraram que injeções de adrenalina suscitavam alterações de batimento cardíaco, constrição da laringe, nervosismo, secura na boca etc. (similares às alterações corporais observadas em algumas emoções). A partir de relatos dos sujeitos, porém, apenas foram observados e relatados estados afetivos indeterminados, "como se fossem emoções", mas desprovidos de uma real emoção. Os relatos dos participantes se exprimiam em frases como "sinto como se eu estivesse assustado", "sinto como se eu estivesse profundamente comovido", "sinto como se eu fosse chorar, sem saber por quê".

Para Vigotski (1999), essas "como se fossem emoções" produzidas por estímulo artificial não eram emoções reais. Segundo ele (Ibid.), esses experimentos refutaram a concepção de James-Lange de que as emoções seriam um epifenômeno de alterações corporais. Baseado na análise dos resultados desses experimentos, o autor afirma que alterações fisiológicas representam, na realidade, uma consequência ligada à funcionalidade das emoções e que essas alterações que fluem da emoção se relacionam à preparação do organismo para determinada atividade.

Para além do equívoco quanto à fonte das emoções e a sua posição epifenomenalista, a teoria periférica de James-Lange postula, ainda, que a emoção seria um processo passivo e não ativo; um resquício animal, um apêndice primitivo com tendência ao desaparecimento e sem função na vida humana. Dessa perspectiva, não se reconhecia a possibilidade de enriquecimento e desenvolvimento das emoções, mas sim seu contrário, uma tendência à involução. Segundo Vigotski (Ibid.), estaríamos diante da influência do caráter anti-histórico do pensamento cartesiano, isto é, de negação dos processos de desenvolvimento.

Vigotski (Ibid.) aponta que os dados da neurologia e da clínica de sua época, bem como dos experimentos ligados à concepção de James-Lange, abriram espaço a uma nova teoria: a teoria talâmica, posteriormente

popularizada como teoria de Cannon-Bard, ainda que diversos outros autores tenham contribuído para sua elaboração e fossem seus partidários. Conforme seus adeptos, as experiências sensoriais, ao chegarem no tálamo óptico, sofreriam modificações qualitativas importantes, de tal modo que essa estrutura foi considerada o substrato neural decisivo da experiência afetiva humana, ou seja, o substrato fisiológico do aspecto afetivo das sensações. Vigotski, num primeiro momento, admite a validade de alguns dados levantados por essa perspectiva, reconhecendo que a teoria talâmica apresenta maior coerência que a teoria de James-Lange.

O deslocamento das emoções da periferia do corpo para o cérebro representava um avanço teórico importante, segundo Vigotski (1999), pelo fato de o cérebro ser o órgão humano que, filogeneticamente, mais se transformou em comparação com o desenvolvimento dos demais órgãos. Segundo ele, a partir dessa nova perspectiva, estaríamos um pouco mais próximos da elaboração de uma teoria que explicasse o desenvolvimento das emoções estabelecendo os nexos presentes ao longo do processo de seu desenvolvimento em animais e em humanos.

Em sua crítica à teoria talâmica, Vigotski (Ibid.) aponta, contudo, um problema já encontrado na teoria de James-Lange. Ainda que avançando na compreensão da fonte das emoções, permanecia o conceito de emoção como um "colorido emocional" adicionado à simples percepção. Emoção não se diferenciava significativamente de outras percepções, sendo apenas uma percepção que adquiriu "tonalidade afetiva" por meio do tálamo óptico. O calcanhar de Aquiles dessa teoria consistia na ausência de uma análise psicológica das emoções que não se limitasse apenas a seus mecanismos fisiológicos, ainda que acrescentando seus substratos neurais.

Embora tenha sido um avanço a compreensão de que a origem das emoções não está na periferia, e sim no centro (no cérebro), essa teoria contém diversos dos mesmos problemas da teoria periférica anterior. Por exemplo, não diferencia qualitativamente emoções animais e emoções humanas, sustentando com isso, em alguma medida, a mesma perspectiva sobre a tendência ao desaparecimento das emoções com o sobrepujar da razão; e, ainda, não avança na compreensão da determinação histórica e social do processo de transformação das emoções. Portanto, continuava sob a influência do caráter anti-histórico e do mecanicismo, ambos herdeiros da ideia cartesiana do corpo como máquina.

Dessa forma, a história da psicologia das emoções era, até o momento,

para Vigotski, a história da repetição cartesiana. Do fracasso das psicologias explicativas de então, ascendem as psicologias descritivas. Para Vigotski (1999), no entanto, tratava-se de elaborações teóricas idênticas às anteriores. A crítica vigotskiana às psicologias descritivas, marcadamente de Dilthey, direciona-se ao seu postulado geral, que consiste na afirmação de que as emoções e a vida afetiva como um todo não poderiam ser explicadas, mas apenas descritas. Embora a psicologia descritiva reconhecesse a possibilidade de se buscarem explicações para outros processos psicológicos, como, por exemplo, a memória, não reconhecia o mesmo para as emoções.

Vigotski (1999) aponta as contradições dessa posição, segundo a qual somente a natureza poderia ser explicada, enquanto a vida afetiva apenas poderia ser descrita. Segundo esse autor, os partidários dessa teoria colocavam as emoções fora da natureza, fora da determinação das suas leis e, assim, repetiam a outra faceta do cartesianismo: seu idealismo. Sendo o problema da explicação das causas a base da possibilidade de existência de uma ciência, a psicologia descritiva falhava desde o princípio, ao não incluir as emoções, os sentimentos e os afetos humanos ao alcance da ciência psicológica.

Em síntese, o primeiro problema da psicologia das emoções daquela época referia-se à negação do desenvolvimento. O segundo, ligado a isso, era o entendimento da conexão das emoções com o resto da vida humana. Vigotski se dedicou ferrenhamente à refutação do mecanicismo e das concepções biologicistas, que atribuíam a primazia do biológico sobre o social na determinação dos fenômenos humanos. Ao mesmo tempo, era igualmente preocupado com os determinismos e reducionismos sociais, como apontam Machado, Facci e Barroco (2011), bem como com determinismos e reducionismos psicológicos (como da psicologia descritiva), que desprezavam a base biológica do ser humano, e com a possibilidade de construção de uma psicologia explicativa.

Do problema do desenvolvimento da emoção elementar animal à emoção superior humana, combatendo o paralelismo psicofísico, Vigotski (1999) conclui que todas as emoções humanas são, em alguma medida, superiores porque são parte integrante do sistema interfuncional da consciência e, desse modo, mediadas pela atividade psíquica superior. Para o autor, emoção não é, portanto, um epifenômeno das alterações fisiológicas, viscerais e vasomotoras do organismo; não é um substrato de transformações orgânicas; não é a percepção na consciência de alterações orgânicas; não é um correlato da sensação ou um tipo especial

de sensação; não tem tendência ao desaparecimento num processo de submissão absoluta pela cognição, não sendo um "apêndice primitivo", tampouco um resquício psicopatológico; não se se reduz ou se identifica qualitativamente com as emoções animais, ainda que tenha base material biológica, desenvolva-se e se transforme em algo novo (e não um mesmo comportamento complexificado); não é um processo passivo meramente experienciado pelo homem (Vigotski, 1999); não está em oposição antagônica à razão/ao pensamento ou sob seu controle absoluto, como afirmava Descartes, ainda que, por não serem passivas, haja volição sobre elas mesmas (Vigotski, 1999; Machado et al., 2011).

Em uma síntese bastante esquemática, emoção para Vigotski: 1) é uma tendência a agir numa determinada direção (Vigotski, 1999; Toassa, 2009; Costa & Pascual, 2012); 2) é uma função psicológica superior, formando nexos e sistemas psicológicos com as demais funções (Vigotski, 1930/2004); 3) possui um papel central no psiquismo e na vida; 4) desenvolve-se sócio e ontogeneticamente, assim como as demais funções psicológicas; 5) possui historicidade, pois a experiência da alegria ou da tristeza em um período histórico modifica-se, é distinta em outro (Machado et al., 2011); 6) integra a atividade psíquica superior, de modo que não subsiste no ser humano emoções animais e emoções humanas como domínios causais distintos (Vigotski, 1999); 7) possui "positividade epistemológica" (Sawaia, 2000; Freitas, 2012) tanto quanto ontológica; 8) por fim, e, talvez, o mais importante e atual aspecto de seus estudos, constitui unidade com a cognição, pois a atividade humana, os processos psicológicos e comportamentais são sempre, simultaneamente, cognitivos e afetivos (Martins & Carvalho, 2016).

A superação de todas as formas do dualismo e do mecanicismo no estudo do ser humano implica, necessariamente, a superação da dicotomia mecanicista entre razão e emoção que perpassa a história do pensamento ocidental até os dias atuais. Vigotski se dedica à tarefa de defender a unidade afetivo-cognitiva, a íntima conexão entre os processos cognitivos e afetivos, ou seja, a "emoção como dado inerente ao ato cognitivo e vice-versa, já que nenhuma emoção ou sentimento, bem como nenhum ato de pensamento podem se expressar como conteúdos puros, isentos um do outro" (Ibid., p. 702).

EMOÇÕES, SENTIMENTOS E AFETOS EM DAMÁSIO

António Damásio dedicou grande parte de seus estudos à elaboração

de uma teoria sobre os afetos, dos quais fazem parte as emoções e os sentimentos. Preocupado com a relação entre razão e emoção, mente e cérebro, propõe-se a encerrar as dicotomias e o dualismo que opôs corpo e mente e contaminou a ciência como um todo, problema que, como Vigotski, atribui em grande parte à herança cartesiana. Damásio afirma que, apesar de atenuado, o dualismo continua vivo sob novas formas, expressando-se, por exemplo, nas metáforas do cérebro como *hardware* e a mente como *software*; ou também nas distinções entre patologias psicológicas/psiquiátricas, que pertencem à mente, e patologias neurológicas, que pertencem ao cérebro (Damásio, 2012). Segundo ele, se o antigo dualismo cartesiano se expressava no corpo para um lado e a mente para outro, a nova forma do dualismo cartesiano coloca o cérebro de um lado e a mente do outro (Ibid.)

Damásio também vê em Espinosa uma saída para propor uma solução mais adequada para o problema cartesiano da relação mente-corpo. Afirma que Espinosa, além de alicerçar as bases para uma compreensão monista da mente e do corpo, como advindos de uma mesma substância, foi além e intuiu as bases da organização corpórea de um ponto de vista anatômico e funcional. Ele considera pioneira a proposição desse filósofo sobre a emergência da mente a partir do corpo. Damásio ainda atribui muito de suas elaborações sobre a alegria e a tristeza à noção de Espinosa sobre esses afetos (Damásio, 2009). O neurocientista português se propõe a entender a relação entre o que chama de fenômenos sociais e fenômenos biológicos a partir de sua área de estudo, a neurobiologia. Preocupa-se constantemente em não reduzir os fenômenos sociais a fenômenos biológicos (Damásio, 2012), buscando contribuir para o entendimento dos fenômenos afetivos reconhecendo que a elucidação de seus mecanismos biológicos não encerra o debate.

Damásio também tece críticas ao abandono do estudo científico dos afetos pela ciência. Afirma que os afetos – e, com ele, as emoções e os sentimentos – foram desprezados pela ciência por quase todo o século XX e que, apenas no fim desse século, passaram a ter atenção (Damásio, 2012). Para o autor, uma neurologia dos afetos não era menos possível que uma neurologia da visão ou da memória (Damásio, 2009).

Ele se apropria de William James para o desenvolvimento de sua própria teoria acerca dos afetos, atribuindo a esse autor o mérito de observar as alterações do corpo como a fonte dos processos emocionais, o que considera uma ideia pioneira na época (Damásio, 2012). Enxerga em James a influência de Espinosa, ainda que o próprio James jamais

tenha reconhecido qualquer influência dele em sua obra (Damásio, 2009). Damásio aponta, entretanto, que, no grande acerto de James, reside também seu maior erro: ao reduzir a emoção ao corpo e desprezar o papel do cérebro, o corpo está sempre interposto involuntariamente no processo emocional, restando ao fator cognitivo relacionado às emoções a simples percepção. Damásio também afirma que foi um erro James ter desprezado a funcionalidade que a emoção tem para a cognição e o comportamento humano (Damásio, 2012), bem como não ter considerado o papel da avaliação cognitiva dos estímulos competentes no processo emocional. Para ele, isso teve como consequência a negação da possibilidade de a cognição/avaliação cognitiva alterar o processo emocional como um todo (Damásio, 2011/2021a).

Para Damásio, os conceitos de "emoção" e "sentimento" constituem fenômenos distintos, inclusos dentro do conceito mais amplo de "afeto" (Damásio, 2018/2021b). A partir desse conceito, o neurocientista estabelece uma distinção entre emoções primárias/básicas e emoções secundárias/sociais e entre "sentimentos derivados de emoções" e "sentimentos de fundo", assim como diferencia determinados processos afetivos, os quais define por "como se fosse emoção" ou "como se fosse sentimento" (Damásio, 2012; Damásio, 2021b).

Os afetos, para Damásio, podem ser explicados com base no entendimento da regulação homeostática, ou seja, um princípio geral para o qual a vida tende, porém não como predisposição a um estado neutro, e sim em direção ao estabelecimento de uma ordem interna diante da desordem externa; uma nova qualidade, uma tendência ao bem-estar e à sobrevivência (Damásio, 2021b). Ele explica que os mecanismos regulatórios que visam à homeostase são compostos, num primeiro nível, pelas respostas imunitárias, reflexos básicos e a regulação metabólica; posteriormente, pelos comportamentos de dor e prazer, depois pelas pulsões e motivações; e, por fim, pelas emoções e pelos sentimentos. Os sentimentos são a expressão mental de todos os níveis anteriores de regulação homeostática, no qual as reações últimas e mais complexas incorporam as reações mais simples, evolutivamente mais antigas, a partir de um mecanismo de encaixe e incorporação (Damásio, 2009).

Segundo o autor, as emoções, como parte dos mecanismos de regulação da vida, surgiram primeiro, evolutivamente e, apenas posteriormente, desenvolveram-se os sentimentos. As emoções, portanto, precedem o sentimento e são a parte pública do afeto; o sentimento, sua dimensão privada. A noção de emoção como pública não implica que elas sejam

necessariamente observáveis por qualquer observador; pois, por vezes, são observáveis apenas por equipamentos que monitoram padrões de ondas eletrofisiológicas e mudanças de níveis hormonais sanguíneos. Já a parte privada, os sentimentos, são necessariamente invisíveis para o público, bem como invisíveis quaisquer outras imagens mentais acessíveis apenas ao sujeito. As emoções, portanto, ocorrem no teatro do corpo, enquanto os sentimentos ocorrem no teatro da mente (Damásio, 2009).

Damásio sustenta suas hipóteses nas evidências obtidas, principalmente, a partir de exames de neuroimagem, em estudos de casos, no campo da neurologia, com pessoas afetadas por lesões encefálicas, além de suas análises de estudos fisiológicos, como os de condutividade dérmica (Damásio, 2009; Damásio, 2012). Para o autor, não é correto considerar as emoções como reflexos, embora considere aceitável dizer que elas são coleções de respostas reflexas (Damásio, 2009). As emoções primárias/básicas são seis: o medo, a raiva, o nojo, a surpresa, a tristeza e a felicidade. As emoções sociais incluem a simpatia, a compaixão, a vergonha, a culpa, o orgulho, o ciúme, a inveja, a gratidão, o espanto, a indignação, o desprezo, entre outras, e são constituídas de reações regulatórias e de componentes das emoções primárias, em diversas combinações. O desprezo, por exemplo, é uma combinação do nojo com rejeições automáticas de alimentos potencialmente nocivos (Damásio, 2009).

Para Damásio, as emoções sociais não são restritas aos seres humanos, existindo em vários mamíferos, como chimpanzés, lobos, cães, gatos e muitos outros. Em 1994, o autor reconheceu as emoções secundárias/sociais como pertencentes apenas aos humanos e bastante dependentes do processo de aprendizagem e da cultura. A partir de 1999, passa a afirmar que algumas dessas emoções preexistiam biologicamente nos animais, o que vai reafirmar mais decididamente de 2004 em diante, ao considerar não só que muitas delas são inatas na biologia dos seres, como também existiam em diversas espécies de mamíferos. Por exemplo, ele afirma que, mesmo no paramécio, organismo unicelular, é possível observar a essência do processo de emoção presente nos seres humanos (Damásio, 2009). Damásio utiliza como evidência o "andar orgulhoso" de um macaco dominante; o comportamento "humilhado" de um animal que cede espaço a outros; a "compaixão" de um elefante com outro, quando vê que outro de sua espécie está ferido etc. Ele defende que há uma disposição para a emoção social gravada no cérebro dos animais, como um atributo do genoma de algumas espécies (Damásio, 2009). Em apenas um de seus trabalhos mais tardios, o autor admite que, possivelmente, a

admiração e a compaixão sejam exclusivamente humanas e que existam apenas preâmbulos dessas emoções em alguns primatas e grandes símios (Damásio, 2021a).

Para Damásio, a emoção é uma coleção de respostas químicas e neurais com um padrão específico, produzidas quando o cérebro detecta o que o autor denomina como um "estímulo emocional competente" (EEC), seja esse estímulo um objeto ou acontecimento na realidade externa ao organismo, seja advindo do pensamento ou da memória. Segundo o autor, o cérebro possui uma preparação inata para responder a determinados EECs, os quais vão se transformando enquanto novos EECs surgem no processo de aprendizagem (Damásio, 2009). O resultado das respostas do cérebro ao EEC é uma alteração momentânea do estado do corpo e de estruturas cerebrais que mapeiam o corpo, que fazem mapas contínuos do corpo (e que interferem no pensamento). O resultado desse conjunto de respostas é a colocação do organismo em circunstâncias que promovem, da melhor forma possível, sua sobrevivência e bem-estar (Damásio, 2009).

A perturbação do corpo no processo emocional (sendo esse o processo emocional em si) gera imagens na mente. Para Damásio (2009), um sentimento é uma ideia, uma percepção de um determinado estado do corpo, acompanhado concomitantemente pela alteração de pensamentos e modos alterados de pensar. A tristeza, por exemplo, é acompanhada de uma produção diminuída de imagens mentais no pensamento e atenção excessiva para poucas imagens. A felicidade é acompanhada por um número maior de imagens, com atenção reduzida dada a cada uma delas. Esse conjunto perceptivo e de raciocínio alterado tem como base/origem o processo emocional.

Damásio (2009) dá ênfase à interpretação errônea que pode ser feita de sua hipótese, qual seja que os sentimentos seriam meras coleções de pensamentos com temas ligados a determinado rótulo emocional. Se fosse esse o caso, não seria possível distingui-los de outros tipos de pensamento. Sua teoria é que os sentimentos se distinguem funcionalmente por sua essência consistir em percepções sobre o corpo, na medida em que o corpo se altera ao reagir a objetos e situações (EECs), justapondo a imagem mental do corpo alterado com a imagem mental do EEC que iniciou o processo. Conforme Damásio (2012, p. 140), a emoção remete a um conjunto de alterações corporais "associadas a certas imagens mentais que ativaram um sistema cerebral específico, e a essência do sentir de uma emoção é a experiência dessas alterações em justaposição com as imagens mentais que iniciaram o ciclo".

Para ilustrar esse argumento, Damásio dá o exemplo de que, ao proferir a frase "sinto-me feliz", caso não houvesse o corpo na base dos sentimentos, poder-se-ia dizer "penso-me feliz". Para Damásio, sendo a dor e o prazer os ingredientes principais dos sentimentos, se não houvesse a experiência do corpo alterado nos estados prazerosos e dolorosos, em suas diversas variações e matizes, não haveria sequer razão para considerar algum pensamento como feliz ou triste (Damásio, 2009). O autor afirma que o sentimento é uma percepção de tipo especial; é uma percepção distinta de outras nas quais os objetos que constituem as origens da essência do sentimento estão dentro do corpo, e não fora dele.

Além disso, outra característica que torna o sentimento uma percepção especial, distinta de outras percepções, é que o cérebro pode atuar diretamente sobre esse objeto imediato. O objeto imediato do sentimento e o mapa do objeto podem se influenciar mutuamente, o que não ocorre com um objeto exterior ao corpo. Afirma, ainda, que os sentimentos não são uma percepção passiva, ou seja, meramente experienciada pelo homem. Para Damásio, eles "abrem a porta a uma nova possibilidade: o controle voluntário daquilo que até então era automático" (Damásio, 2009, p. 63).

O neurocientista português afirma que os sentimentos não têm origem necessariamente no estado real do corpo, como James postulava, mas sim no estado dos mapas cerebrais que as regiões somatossensitivas constroem continuamente sobre o corpo. Desse modo, observa que o cérebro se torna capaz de simular estados emocionais do corpo num mecanismo que contorna o corpo. Define esses estados como "estados como se fosse o corpo", os quais geram "como se fossem emoções" e "como se fossem sentimentos". Se o sentimento padrão provém de um levantamento do estado do corpo, o sentimento "como se" provém da imagem simulada de uma alteração do corpo. Damásio afirma que, provavelmente, esse tenha sido um mecanismo evolutivo com vistas à economia de energia, já que os processos afetivos são, por vezes, extenuantes (Damásio, 2012). Ao mesmo tempo, ele afirma que esses processos "como se" são versões atenuadas dos processos originais de emoções, geralmente não conseguindo equivaler em intensidade com os as emoções-padrão que ocorrem no corpo (Damásio, 2021a).

A partir da observação dos estados "como se", Damásio realiza uma crítica a outras teorias sobre emoções e sentimentos, que têm em sua perspectiva a compreensão de que as alterações corporais são apenas parte do processo afetivo, mas não sua base e fonte. Utiliza como prova de

sua teoria tanto as evidências previamente expostas como o argumento de que, ainda que possa contornar o corpo ao simular um mapa do corpo e enviar-lhe sinais "como se fossem do corpo", o cérebro não é capaz de contornar em si mesmo a via química. A emoção, que gera o sentimento, não é induzida apenas pelas vias neurais, mas também pela via química, porém essa via, possivelmente, não pode ser plenamente contornada pelo mecanismo "como se" (Damásio, 2012).

No que concerne a essa discussão, Damásio realiza uma crítica à conclusão alcançada por Cannon e por Sherrington em seus experimentos de secção da medula e nervo vago em animais, os quais, segundo o neurocientista português, não refutavam James (Damásio, 2000; Damásio, 2021a). Damásio argumenta que apenas uma parte dos estímulos corporais trafega pela medula e pelo nervo vago e que a corrente sanguínea também transmite estímulos entre o cérebro e o resto do organismo. E mais importante: mesmo na secção completa da medula e do nervo vago, a cabeça dos animais ainda está funcional e realiza manifestações corporais de raiva ou medo normalmente.

Ainda, há outros tipos de estados afetivos abordados pelo autor, que são denominados estados de fundo. As emoções de fundo, para Damásio, são manifestações afetivas mais sutis, mais duradouras; algo similar à noção de humor, mas distinto, já que o humor se constitui por emoções mantidas por longos períodos, como horas ou dias. Emoções de fundo são fruto da combinação de reações regulatórias simples, na medida em que elas se desenrolam continuamente, conforme o organismo realiza ajustamentos metabólicos respondendo a situações exteriores e interiores (Damásio, 2009). Exemplos de emoções de fundo são o entusiasmo e o desânimo (Damásio, 2021a). Para Damásio, provavelmente, esses estados de fundo são experimentados na maior parte do tempo da vida humana, sendo os estados entre as emoções em si (básicas ou sociais) suplantados quando ocorre um sentimento emocional (Damásio, 2012). Fome e sede, como as pulsões em geral, podem despertar emoções, e vice-versa. O medo, por exemplo, inibe a fome e a atividade sexual. A alegria, por outro lado, promove a fome e a atividade sexual. A satisfação da fome ou do sexo pode promover a alegria, enquanto a não satisfação dessas pulsões pode causar a tristeza ou a raiva. O conjunto dessas ocorrências, continuamente, é o que Damásio chama por "sentimentos de fundo" (2012) ou "estados de fundo" e "emoções de fundo" (Damásio, 2009).

Damásio também realiza a importante constatação de que diferentes regiões cerebrais são responsáveis por emoções distintas, ou seja, de que

há diferentes substratos neurais para diferentes emoções e sentimentos[4] , e não uma região geral que responde igualmente por todos os afetos (Damásio, 2009). O autor expõe sua concepção de que absolutamente todas as situações na vida, como os resultados de comportamentos e tomadas de decisão, por exemplo, são acompanhadas em alguma medida por uma marca afetiva. Portanto, todas as experiências de vida são categorizadas pelos indivíduos por uma marca emocional/sinal emocional em suas variáveis de prazer e desprazer. Em decorrência disso, ele observa a ligação intrínseca dos afetos com a cognição e os processos de raciocínio e decisão, em que situações que exigem a tomada de decisão podem desencadear reativação parcial de emoções e sentimentos correspondentes, com o fim de auxiliar na eficiência e rapidez da decisão (Ibid.). Ele chama essa reativação emocional parcial, precursora dos processos de tomada de decisão, de sinal emocional ou marcador somático, especialmente pelo fato de determinada imagem ficar marcada no corpo (Damásio, 2012).

Por fim, Damásio afirma que emoções e sentimentos já haviam despontado em espécies não humanas (Damásio, 2009), mas atribui grande papel aos sentimentos – os representantes mentais da homeostase – na história da humanidade. Para o autor, os sentimentos teriam o papel de catalisadores das respostas que desenvolveram a cultura humana, desde as artes, a investigação filosófica, as crenças religiosas, os sistemas políticos, as regras morais e a ciência (Damásio, 2021b).

APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS ENTRE VIGOTSKI E DAMÁSIO

Vigotski não consta como referência em nenhuma das obras analisadas de Damásio. Todavia, ambos são partidários de uma ciência explicativa das emoções, sentimentos e afetos humanos e desferem críticas às posições que tomam como inatingível a possibilidade do conhecimento de suas causas. A crítica realizada por Vigotski (1999) às psicologias descritivas e introspeccionistas, sobre a ideia de que processos psicológicos como a memória poderiam ser conhecidos e explicados, mas não as emoções, os sentimentos e os afetos, também aparece em Damásio, especialmente quando afirma que uma neurologia das emoções era tão possível quanto

4 Observa, por exemplo, que a região frontal do hemisfério direito é mais responsável pelas emoções negativas, quando comparada com a mesma região do hemisfério esquerdo; ou, ainda, que uma lesão na região pré-frontal ventromedial causa diminuição ou perda quase total de emoções sociais, mas não causa alteração tão significativa de emoções básicas (Damásio, 2009).

uma da visão ou da memória (Damásio, 2009), e de maneira bastante similar. Ambos também tecem críticas à secundarização do tema na história da ciência, entretanto a explicação das causas para Vigotski procede da perspectiva da determinação histórica e social do psiquismo, enquanto a explicação das causas para Damásio parte da perspectiva da determinação biológica, como exporemos mais adiante.

A aproximação mais significativa observada entre os dois autores se expressa no entendimento da funcionalidade das emoções, sentimentos e afetos na vida humana, ponto ainda bastante polêmico hoje. A afirmação de que eles cumprem uma função no psiquismo e na vida, em vez de serem um resquício psicopatológico animal, como postulado por Kant (Damásio, 2012) ou uma paixão a ser dominada pela razão de Descartes (Vigotski, 1999), é ainda ponto de discordância na ciência. Nesse aspecto bastante decisivo, Vigotski e Damásio se encontram em uma mesma trincheira. Essa compreensão está de acordo com Magiolino (2010), que observa uma aproximação entre Vigotski e Damásio quanto à função das emoções, sentimentos e afetos, ao constatar que Vigotski reconhece as emoções como indicadores e organizadores internos do comportamento e que Damásio entende os afetos como marcadores somáticos de necessidades do corpo.

Na esteira dessa mesma disputa filosófica e científica, no que diz respeito à função das emoções, dos sentimentos e dos afetos na vida humana, os dois autores também mantêm concordância quanto ao entendimento de que eles não constituem uma experiência passiva, meramente experienciada pelo homem, mas sim um processo ativo (Vigotski, 1994; Damásio, 2012; Damásio, 2009). Nesse ponto, Vigotski e Damásio concordam na crítica à perspectiva de William James, de que a emoção seria experienciada apenas passivamente.

Para ambos os autores, emoções, sentimentos e afetos não apenas cumprem uma função, mas são também modulados pela razão e pela volição humana, ao mesmo tempo que as modulam. A elaboração que culminou no conceito da unidade afetivo-cognitiva em Vigotski, bem como na formulação de Damásio acerca das emoções e sentimentos de fundo e sua hipótese do marcador somática aproxima os autores na compreensão de que cognição e afetos estão intrinsecamente ligados.

Luz et al. (2015), contudo, apontaram a existência de uma dicotomização entre pensamento e afetos em Damásio. Acusam-no de falhar na explicação dessa relação, posto que o autor português postularia simplesmente uma

interação imediata entre pensamento e afeto, desconsiderando o elemento da cultura como mediador e transformador decisivo dessa relação. Apesar de concordarmos com a crítica desses autores no que se refere à perspectiva de Damásio acerca da determinação das causas como mera interação entre biologia e cultura, o que o levaria a recair no determinismo biológico, divergimos da afirmação de que há uma dicotomização entre pensamento e afeto em Damásio. Ao menos, não encontramos na obra do neurocientista português elementos que apontem para essa dicotomia. Reconhecemos que há ainda uma herança cartesiana em Damásio, mas ela não reside no dualismo corpo e mente ou cognição e afeto.

Concordamos com a afirmação de Martins e Carvalho (2016) de que Damásio, assim como Vigotski, enfrentou o cartesianismo e a concepção dicotômica segundo a qual razão e afetos não se relacionam ou mesmo se opõem no comportamento humano. Estamos de acordo também com a tese de que, embora Damásio se assemelhe a Vigotski no entendimento da não cisão entre pensamento e afeto e no combate ao dualismo, ele não carrega em sua elaboração teórica a perspectiva da determinação social e dialética do desenvolvimento humano. Segundo nosso entendimento, Damásio combate o dualismo cartesiano e busca alcançar uma explicação monista dos afetos, como Vigotski, mas recai em outros aspectos da herança cartesiana: por um lado, no mecanicismo cartesiano do corpo-máquina, expresso pelo determinismo biológico; por outro, e em certa medida, no caráter anti-histórico cartesiano, já que, afinado com a tradição darwinista, compreende o desenvolvimento dos afetos (das emoções e dos sentimentos) como predominantemente decorrente da evolução da espécie. Ou seja, o desenvolvimento filogenético, em Damásio, aparenta ter preponderância em relação ao aspecto social e ontogenético. A transformação histórica humana e sua diferenciação do animal, de acordo com esse autor, explica-se pela adaptação para melhor sobrevivência, como causa primeira e última de toda a transformação.

Apesar de Vigotski e Damásio discordarem de William James, ao postularem o desenvolvimento e o enriquecimento das emoções, sentimentos e afetos ao longo da história, e não sua tendência à extinção ou diminuição, há uma divergência radical entre eles quanto à compreensão de como se dá esse desenvolvimento. Damásio, ao abordar os distintos mecanismos de regulação homeostática, desde os reflexos básicos até os sentimentos, afirma haver uma distinção na complexidade de avaliação e de resposta nesses níveis superiores (as emoções e sentimentos), mas não uma distinção em essência. Afirma, inclusive, que "cada uma das diferentes

ações regulatórias (...) não constitui um processo radicalmente novo" (Damásio, 2009, p.33). Afirma, também, que as emoções são coleções de respostas reflexas (Ibid.), perspectiva completamente destoante de Vigotski e quase idêntica àquela que o autor soviético criticou em Bergson, em James-Lange e em todas as perspectivas que tomam os reflexos condicionados e seu desenvolvimento contínuo em complexidade como a base geral do comportamento. Para Vigotski, o entendimento do desenvolvimento como aumento de complexidade de reflexos, e não como desenvolvimento em essência, com rupturas e saltos qualitativos, configura uma expressão típica do mecanicismo.

Damásio está constantemente preocupado com a relação entre biologia e cultura, mas justamente nesse ponto é que se expressa seu determinismo biológico. Ao mencionar a "relação", a "interação", o "entrelaçamento" entre biologia e cultura, entre base biológica e aprendizagem/ambiente, ele não se posiciona sobre o peso dessas determinações nas causas e no desenvolvimento dos afetos. Em Vigotski, muito mais que uma interação, há uma suprassunção do biológico pelo social, na qual as reservas biológicas são subsumidas no desenvolvimento social e cultural. Ou seja, para o psicólogo russo, há a primazia do social sobre o biológico; o social é a determinação predominante.

Se, em "O Erro de Descartes" (1994), Damásio está um pouco mais próximo de Vigotski – por exemplo, ao tratar da transformação dos circuitos cerebrais, expressa que "a palavra final cabe ao meio ambiente humano e físico" (Damásio, 2012, p. 114), e não à genética –, no desenrolar de sua obra vai se afastando cada vez mais, na medida em que a perspectiva darwinista e o determinismo biológico se consolidam.
Isso se verifica na elaboração de Damásio, em 1994, sobre o conceito de emoção primária em animais e crianças e de emoção secundária/social em adultos, essas últimas existindo com maior exclusividade nos humanos e dependentes da aprendizagem e da cultura (Damásio, 2012). Esse conceito se transforma de 1999 em diante, quando o autor passa a afirmar que existem algumas "emoções sociais inatas", predispostas biologicamente (Damásio, 2000).

Sua postura inatista e sua noção acerca da primazia do biológico sobre o social parecem despontar de forma ainda mais destacada de 2004 (Damásio, 2009) em diante, especialmente ao afirmar a existência de muitas emoções sociais inatas e que as emoções e os sentimentos humanos já existiam em outras espécies e ao analisar afetos complexos humanos e traçar paralelos com diversos afetos animais. As comparações

realizadas por Damásio, entre a "compaixão dos elefantes" ou o "orgulho do macaco" e as manifestações de compaixão e orgulho humanos, vão contra tudo aquilo que Vigotski buscou entender e afirmou acerca do que é tipicamente humano. Nesse ponto, os autores entram em oposição frontal.

Almeida (2020) investiga o desenvolvimento do determinismo biológico de Damásio ao longo de suas obras, principalmente na hipótese do marcador somático, e aponta que, a partir de 2018, Damásio realiza uma inflexão em seu determinismo biológico, aproximando-se sutilmente da perspectiva do determinismo social. Não observamos, todavia, esse movimento de inflexão em nossa pesquisa.

A influência de Espinosa em Damásio e Vigotski tem, como já observado, um denominador comum: o monismo espinosano contra o dualismo cartesiano. Entretanto, a influência de Espinosa em Damásio parece se estender a aspectos não priorizados por Vigotski, como o sistema de classificação das paixões, a compreensão da alegria e da tristeza, entre outros. Há, por outro lado, pontos de entendimento acerca de Espinosa completamente distintos entre eles: Damásio enxerga a presença de Espinosa em William James (Damásio, 2009), enquanto Vigotski postula justamente o oposto, isto é, a presença de um cartesianismo puro em James (Vigotski, 1999).

A afirmação de Damásio de que o pensamento espinosano é compatível com o pensamento evolucionário de Darwin (Damásio, 2009) também demonstra a predileção do autor português pelos pontos da doutrina espinosana mais assimiláveis ao darwinismo, como é o caso da tendência à autoconservação observada por Toassa (2009). Essas aproximações de Espinosa ao pensamento de Darwin não encontram afinidade na leitura espinosana verificada em Vigotski.

Há outra oposição significativa entre esses autores: o próprio conceito de emoção e sua fonte. Enquanto Damásio sistematiza os referidos conceitos distinguindo emoção de sentimento e definindo-os como formas de afeto, Vigotski utiliza os mesmos conceitos de forma indistinta, como já afirmamos, o que implica algumas dificuldades no trato deles em sua obra, podendo levar a imprecisões teórico-conceituais.

Quanto à sua fonte, Vigotski (1999) tece duras críticas a James e Lange no que se refere à proposta de que a origem das emoções estava nas alterações do organismo, divergindo da afirmação desses autores de que a emoção seria a percepção na consciência das alterações corporais.

Para Vigotski, como previamente exposto, as alterações orgânicas que se observam em um processo emocional são parte componente da emoção; são um aspecto da tendência do processo emocional de preparação do indivíduo para a ação, e não a sua fonte (1999).

Damásio, por sua vez, defende a posição de James (Damásio, 2000; Damásio, 2009; Damásio, 2012) alterando-a e ampliando-a, ao afirmar que o sentimento é a imagem mental das alterações orgânicas/emoções, ou melhor, do mapa das alterações de estado do corpo realizado no cérebro. Ele também critica expressamente as teorias que afirmavam que as alterações orgânicas eram uma parte consequente do processo do sentimento, e não a sua fonte (Damásio, 2012). Portanto, contrapõe-se a Vigotski, para quem as alterações orgânicas eram parte do processo afetivo (e não a sua fonte). O autor português aborda os sentimentos "como se", que contornam o corpo e ocorrem no cérebro, e critica as teorias que veem esse mecanismo como exclusivo do sentimento.

Vigotski e Damásio também divergem quanto às conclusões tomadas a partir dos experimentos fisiológicos de Cannon e de Sherrington sobre a secção do nervo vago e da medula em animais. Vigotski (1999) toma a conclusão de tais experimentos como elementos de refutação empírica do entendimento de que a fonte dos afetos reside nas alterações orgânicas, ao passo que Damásio (2000) critica tais conclusões argumentando que ainda há a via sanguínea na comunicação entre corpo e cérebro e que o corpo é como um teatro para as emoções ocorrerem. O neurocientista português afirma que aí se evidencia o problema de não se diferenciar emoção de sentimento.

Magiolino (2010) aponta, sem afirmar taxativamente, uma possível aproximação do conceito de emoções superiores de Vigotski com o conceito de emoções secundárias/sociais de Damásio. Acreditamos, contudo, que tal aproximação não se verifica. Para Vigotski, como afirmamos anteriormente, as emoções do ser humano moderno são emoções superiores, não existindo simultaneamente nele uma divisão entre emoções superiores e alguma porção de emoções ainda inferiores (Vigotski, 1999). Em Damásio, tanto as emoções básicas quanto as emoções sociais, assim como os sentimentos são inatos, além de já existirem em alguns animais, o que, por si só, distancia-se da concepção de emoções superiores tipicamente humanas de Vigotski, posto que as emoções se tornam superiores e humanas, segundo o autor soviético, por serem desenvolvidas cultural e socialmente.

Damásio justifica seu argumento principal de que a emoção como alteração corporal é precursora do sentimento, entre outras razões, por conta da constatação de ela ser precursora do sentimento na evolução biológica; por observar que as emoções aparecem primeiro na evolução, e os sentimentos, posteriormente. Com isso, justifica que, necessariamente, as emoções (alterações corporais) antecedem os sentimentos (imagens na mente/percepções de tais alterações corporais) também no ser humano contemporâneo (Damásio, 2009). Entretanto, de acordo com nossos estudos, a utilização do argumento da evolução biológica para justificar a emoção/alteração do corpo como precursora do sentimento/imagem na mente não se sustenta, de acordo com a concepção vigotskiana, especialmente em razão da noção de que aquilo que é especificamente humano pode, muitas vezes, ao longo do desenvolvimento do indivíduo, inverter a ordem daquilo que se desenvolveu filogeneticamente - ou seja, pode inverter a ordem de aparecimento biológico. Vigotski (1930/2004) observa, por exemplo, que a função sensorial e a função motora estão imediatamente conectadas no bebê e em animais.

Exclusivamente no ser humano, com o advento da linguagem e do pensamento, novos sistemas psicológicos se formam. A partir desse momento, linguagem e pensamento se interpõem nas funções anterior e imediatamente conectadas, determinando uma inversão na sua relação. Ou seja, pensamento e linguagem passam a anteceder e dirigir a função motora, antes ligada à função sensorial (Ibid.). O mesmo processo ocorre com a atividade humana, que, embora preceda filo e ontogeneticamente a consciência e possibilite o seu desenvolvimento, passa a ser, posteriormente, por ela organizada e orientada (como atividade consciente). Portanto, ainda que a emoção possa filogeneticamente preceder o sentimento, o argumento de Damásio de que a mesma ordem se repete no desenvolvimento do indivíduo não se justificaria do ponto de vista vigotskiano, pois, no caso do ser humano, há a possibilidade da reorganização ontogenética das funções psicológicas.

Em síntese:

Vigotski e Damásio possuem concordâncias quanto à perspectiva ontologicamente positiva e funcional das emoções/afetos no psiquismo e na vida humana, sendo essa aproximação a mais relevante segundo nosso ponto de vista, especialmente pelo fato de esse ser um ponto fulcral na história do estudo das emoções, dos sentimentos e dos afetos humanos. Concordam quanto à afirmação de que emoção e razão não estão em oposição, coexistindo simultaneamente em todos os processos

psicológicos e comportamentos humanos. Concordam também quanto ao fato de os afetos serem um processo ativo na experiência humana, e não um fenômeno passivamente experienciado pelo homem. Concordam, ainda, quanto à referência em Espinosa para enfrentamento do dualismo cartesiano fortemente presente nos estudos sobre o tema, mesmo com leituras espinosanas bastante distintas. Concordam, por fim, quanto à possibilidade e, mais que isso, à necessidade de uma ciência explicativa e monista dos afetos que não os relegue a um segundo plano.

Por outro lado, entre todas as suas divergências, a principal talvez resida na compreensão global dos afetos na vida humana. Para Damásio, a história da humanidade como um todo é a história dos organismos e seus diversos mecanismos na busca pela homeostase. Portanto, assume uma concepção finalista e evolucionista dos afetos, segundo a qual eles servem, como causa primeira e última, à busca pela homeostase, sendo não adaptativos aqueles que entram em dissonância e não servem a essa função. Para Vigotski, contudo, ainda que sua elaboração sobre os afetos tenha restado incompleta, qualquer explicação com base no pressuposto da primazia biológica não se sustenta, não explica a complexidade do amor de Dante por Beatriz; a decisão de Sócrates pela prisão e morte, em vez da fuga; ou o luto de uma mãe que perde seu filho, por exemplo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por mais significativos que sejam os pontos de aproximação no estudo do tema das emoções, sentimentos e afetos, além da distância de quase um século, Vigotski e Damásio estão fundamentalmente separados por uma perspectiva distinta de ser humano, por um entendimento diverso do que há de exclusivamente humano em nosso ser.

Os afetos humanos permanecem ainda hoje um problema, um resquício animal primitivo a ser combatido - vide a palavra de ordem do "controle das emoções" e a valoração atribuída ao triunfo antagônico da razão sobre a emoção, ambas expressas no cotidiano, no vocabulário do senso comum e, mais gravemente, no vocabulário técnico e nas práticas de psicologia, o que torna ainda mais necessário recuperar as teorizações de Vigotski acerca do tema e cotejá-las com estudos contemporâneos.

Ainda que, para uma perspectiva explicativa da afetividade humana, tenha restado incompleta e esteja, em alguns aspectos, ultrapassada – principalmente em relação aos avanços acerca do conhecimento do cérebro humano –, a contribuição de Vigotski continua a fornecer as bases

para as pesquisas no campo da Psicologia Histórico-Cultural com absoluta contemporaneidade. Assim, compará-la com os estudos atuais de Damásio, no campo da neurobiologia, é fundamental para o desenvolvimento de uma teoria histórico-cultural das emoções, que as explique em sua totalidade, como almejava Vigotski. Outros estudos que aprofundem a problemática em tela, contudo, são necessários.

REFERÊNCIAS

Almeida, F. P. G. (2020). *O determinismo biológico na hipótese do marcador somático proposto por António Damásio*. [Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Neurociências e Comportamento, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo].

Costa, A. J. A., & Pascual, J. G. 2012 Análise sobre as emoções no livro Teoría de las emociones (Vigotski). *Psicologia & Sociedade, 24*(3), 628-637.

Damásio, A. (1994/2012). *O erro de Descartes: emoção, razão e cérebro.* São Paulo: Companhia das Letras.

Damásio, A. (1999/2000). *O mistério da consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento de si*. São Paulo: Companhia das Letras.

Damásio, A. (2004/2009). *Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos*. São Paulo: Companhia das Letras.

Damásio, A. (2011/2021a.) *E o cérebro criou o homem*. São Paulo: Companhia das Letras.

Damásio, A. (2018/2021b). *A estranha ordem das coisas: as origens biológicas dos sentimentos*. São Paulo: Companhia das Letras.

Freitas, F. L. C. (2012). *Pressupostos Filosóficos da Crítica Histórico-Psicológica: um comentário à teoria das emoções de Vigotski*. [Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação Mestrado Cultura e Sociedade, Universidade Federal do Maranhão].

Luz, H., Souza, A. L. M., & Santos, L. G. (2015). Percursos e percalços na investigação da emoção na Psicologia de Vigotski. *Revista Psicologia e Saúde*, *7*(1), jan. /jun. 2015, p. 65-73.

Machado, L. V., Facci, M. D. G., & Barroco, S. M. S. (2011). Teoria das emoções em Vigotski. *Psicologia em Estudo*, *16*(4), 647-657.

Magiolino, L. L. S. (2010). *Emoções humanas e significação numa perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano: um estudo teórico da obra de Vigotski*. [Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação Educação, Universidade Estadual de Campinas].

Martins, L. M.; Carvalho, B. (2016). A atividade humana como unidade afetivo-cognitiva: um enfoque histórico-cultural. *Psicologia em Estudo, Maringá*, *21*(4), p. 699-710, out./dez. 2016.

Sawaia, B.B. (2000, 16 de Julho). A emoção como locus de produção do conhecimento - Uma reflexão inspirada em Vygotsky e no seu diálogo com Espinosa. *Comunicação na III Conferência de Pesquisa Sócio-cultural*, Campinas-SP. https://www.fe.unicamp.br/eventos/br2000/trabs/1060.doc

Toassa, G. (2009). *Emoções e vivências em Vigotski: investigação para uma perspectiva histórico-cultural*. [Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo].

Veer, R., & Valsiner, J. (2014). *Vygotsky: uma síntese*. (C. Bartalotti, Trad., 5ª ed.). São Paulo: Ed. Loyola.

Vigotski, L. S. (1930/2004). Sobre os sistemas psicológicos. In: *Teoria e método em psicologia* (pp.103-135). São Paulo: Martins Fontes.

Vygotsky, L. S. (1933/1999). Teaching about emotions. Historical-psychological studies. In *The Collected Works of L. S. Vygotsky* (Vol. 6, pp.71-235). New York: Kluwer Academic/Plenum Publishers.

Vygotsky, L. S.. (1933/2004). *Teoria de las emociones: estudio historico-psicologico*. Madrid: Akal.